

Falconete, século xvi.
Museu Militar, Lisboa.



INTRODUÇÃO

RUI MANUEL LOUREIRO*

O encontro directo da Europa com a Ásia foi inaugurado nos últimos anos do século XV pela histórica viagem marítima de Vasco da Gama entre Lisboa e Calicute. A partir de então, não mais se interromperiam as ligações regulares entre os principais portos europeus e as grandes cidades marítimas asiáticas. Os ininterruptos fluxos e intercâmbios que se desenvolveram através da rota do Cabo mudariam para sempre a face do nosso planeta. A bordo dos navios europeus, circulavam em ambos os sentidos milhares de homens e incontáveis mercadorias; mas as embarcações que efectuavam o longuíssimo trajecto da carreira da Índia transportavam igualmente doenças, técnicas, ideias, crenças, hábitos e costumes. De facto, a viagem gâmica marcava a abertura de um imparável processo de globalização, que provocaria alterações irreversíveis nos modos de vida das populações envolvidas.

Coincidentemente ou não, a Europa atravessava então uma “revolução técnica e militar”, que estava a provocar alterações profundas nos armamentos disponíveis, nas tácticas de combate, nos sistemas defensivos, e nas próprias mentalidades. A arte da guerra, na Europa, “modernizava-se”. O encontro euro-asiático, como seria inevitável, incluiu uma forte componente militar, já que os portugueses, e outros europeus que lhes seguem na pegada, procurarão tirar partido de vantagens competitivas neste campo. “Os canhões e as velas”, na consagrada fórmula de



Carlo M. Cipolla, proporcionaram à Europa em expansão argumentos decisivos na disputa de terras, de recursos, de rotas e de mercados. Do ponto de vista da história das interacções euro-asiáticas nos alvares da modernidade, talvez o aspecto militar seja um dos mais mal estudados, sobretudo se quisermos ultrapassar os tradicionais narrativas positivistas, que seguiam de perto os relatos das antigas crónicas europeias. O caminho tem sido apontado por estudos inovadores de historiadores como Geoffrey Parker, Rhoads Murphey, Anthony Reid, Jos Gommans e Kenneth Chase.

Muitas questões importantes, relativas à presença portuguesa, e europeia, em terras e mares orientais, continuam sem resposta totalmente satisfatória: Como e onde eram construídos os navios europeus em serviço nos mares asiáticos? Como eram equipadas estas embarcações? Que tipo de artilharia transportavam? Quem manobrava essa artilharia e de que forma? Como era fabricada a pólvora? Como e onde eram produzidas as armas, desde as mais ligeiras e portáteis até à artilharia mais pesada? Que vantagens possuiria um espingardeiro, face a um guerreiro que utilizasse exclusivamente armas brancas? E em que condições podiam as armas de fogo ser utilizadas? Num cenário de intensas chuvas tropicais, qual a eficácia do armamento europeu? Em termos culturais, qual o impacto da utilização de armas de fogo, num mundo de combates corpo-a-corpo? E, face à poderosa artilharia europeia, que modificações foram introduzidas nos sistemas defensivos? Os

* Doutorado em História pela Universidade de Lisboa. Director de projecto na Câmara Municipal de Lagos, investigador do Centro de História de Além-Mar (Universidade Nova de Lisboa).

Pormenor de uma ilustração incluída em *Sucesso do Segundo Cerco de Diu*, de Jerónimo Corte-Real, Lisboa 1574.

ARMAS, FORTALEZAS E ESTRATÉGIAS MILITARES NO SUDESTE ASIÁTICO – I



materiais exclusivamente vegetais utilizados em muitas edificações asiáticas podiam resistir eficazmente? Que métodos de construção foram adoptados pelos europeus em contexto asiático? Enfim, as perguntas poderiam multiplicar-se, com a certeza de que para muitas delas ainda não possuímos respostas sólidas e documentadas.

Diversas questões mais latas poderiam equacionar-se. Em primeiro lugar, será necessário efectuar um levantamento cuidadoso da forma como portugueses e outros europeus transportaram para o mundo asiático as suas armas, as suas formas de guerrear e as suas construções defensivas. Depois, convirá saber da eficácia desta exportação, e das inevitáveis adaptações a que deu lugar, consoante os contextos geográficos, políticos e culturais de cada área de intervenção específica. Em terceiro lugar, poderão discutir-se as respostas concretas dos interlocutores asiáticos: em muitos lugares da Ásia marítima verificou-se uma rápida adopção, e assimilação, de métodos e técnicas oriundos da Europa; mas também se constatou, em circunstâncias e tempos específicos, uma mais ou menos profunda asiaticização das práticas guerreiras dos europeus, e nomeadamente dos portugueses. É um campo imenso de investigação que se perspectiva, como poderá verificar-se, e que a *Revista de Cultura* (RC) aceitou enfrentar, convidando um conjunto alargado de especialistas para, no âmbito de pesquisas que vêm desenvolvendo, explorarem

tópicos relacionadas com os diversificados impactos da introdução e da difusão da arte da guerra europeia na Ásia.

A primeira parte deste dossiê surge no presente número da *RC*, que abre com um ensaio de natureza mais genérica, assinado por dois consagrados especialistas, Sanjay Subrahmanyam e Geoffrey Parker, que revisitam a história das repercussões na Ásia da revolução militar europeia. Vitor Rodrigues, que tem dedicado sólidos estudos a estas temáticas, aborda de seguida, numa perspectiva muito concreta, o problema da artilharia naval portuguesa e da respectiva utilização em combate, nos mares orientais, nos alvares de Quinhentos. Tonio Andrade, por sua vez, que se tem debruçado com rigor sobre os primórdios da presença europeia em Taiwan, estuda no terceiro texto deste dossiê militar um episódio da guerra que na ilha Formosa opôs holandeses e chineses nas primeiras décadas do século XVII. O quarto texto é assinado por Matthew Keith e reexamina a conhecida revolta de Shimabara, que antecedeu de pouco a expulsão definitiva dos portugueses do Japão, colocando especial ênfase no papel das armas de fogo utilizadas nesse conflito. Enfim, um último texto da responsabilidade de André Murteira analisa um dos episódios da violenta guerra naval travada por portugueses e holandeses na passagem do século XVI para o século XVII. O dossiê será desenvolvido com outro conjunto de textos no próximo número de *RC*. **RC**

INTRODUCTION

RUI MANUEL LOUREIRO*

The direct coming together of Europe and Asia began in the last years of the 15th century through the historical maritime journey made by Vasco da Gama between Lisbon and Calicute. From then onwards there have been ceaseless and regular connections between major European ports and large Asian maritime cities. The uninterrupted flow and exchange that occurred through the Cape route changed the face of our planet for ever. On board the European ships thousands of men and abundant goods travelled in both directions; but the ships that made the extremely long India route also transported illnesses, techniques, ideas, beliefs, habits and customs. Indeed, the Vasco da Gama route paved the way for the unstoppable process of globalisation,

which would lead to irreversible changes in the lifestyles of the populations involved.

Coincidentally or not, Europe was going through a *technical and military revolution* at the time, which brought about big changes in the availability of weapons, battle tactics, defensive systems and even mentalities. The art of war in Europe *was being modernised*. The Euro-Asia meeting, inevitably, included a strong military component, as the Portuguese and other Europeans who followed in their footsteps would try to gain a leading edge in this field. The *cannons and sails*, in the consecrated Carlo M. Cipolla formula, provided an expanding Europe with decisive arguments in the dispute of land, resources, routes and goods. From the point of view of the history of Euro-Asia interactions at the dawn of modernity, the military aspect is one of the most poorly studied, above all if we want to go beyond the traditional positivist narratives, which closely follow the style of ancient European reports. The path has been shown by innovative studies drawn up by historians such as Geoffrey Parker, Rhoads Murphey, Anthony Reid, Jos Gommans and Kenneth Chase

Many important questions about the Portuguese and European presence in Eastern lands and seas continue without a completely satisfactory response: How and where were the European ships built that travelled to the Asian seas? How were these ships equipped? What kind of artillery did they transport? Who manoeuvred this artillery and how? How was the gunpowder produced? How and where were the weapons produced, from the lightest and most portable

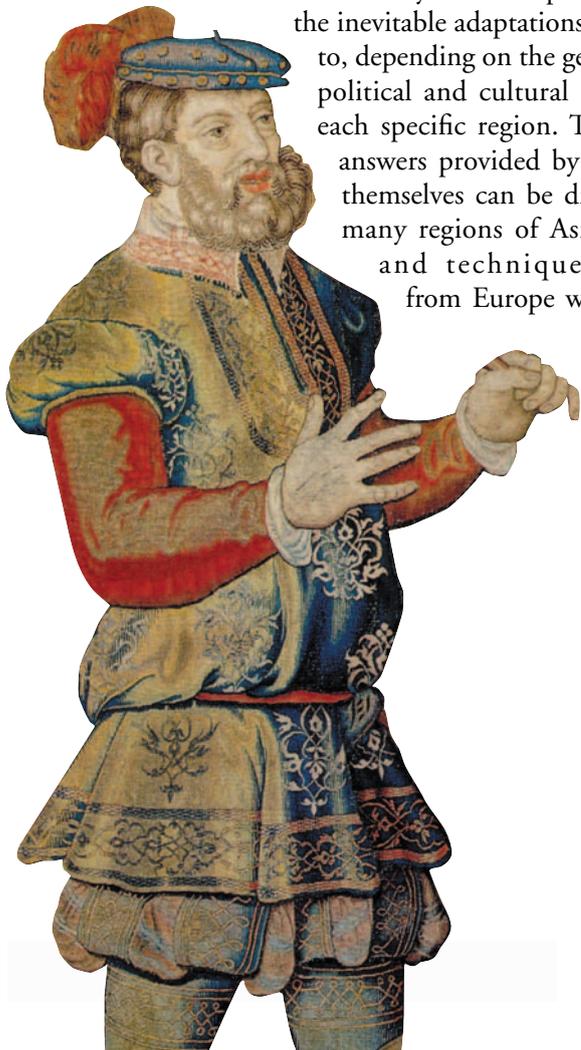


Ph.D. in History from Lisbon University. Project director at Lagos City Council (Portugal). Researcher at the Centro de História de Além-Mar (Universidade Nova de Lisboa).

ARMAS, FORTALEZAS E ESTRATÉGIAS MILITARES NO SUDESTE ASIÁTICO – I

ones to the heaviest artillery? What advantages did a rifle afford over a fighter that used solely bladed weapons? And under what conditions could firearms be used? In a background of intense tropical rain, how effective were the European weapons? In cultural terms, what was the impact of using firearms in a world of body-to-body fighting? And when faced with the powerful European artillery what modifications were introduced into the defensive systems? Could many of the buildings constructed exclusively from plant materials effectively withstand attack? What building methods were adopted by the Europeans in Asia? The questions could go on and on, in the knowledge that for many of them we do not yet have solid and well-documented answers.

Wide-ranging and broader questions come to mind. Firstly, it is necessary to carry out a careful survey of the way the Portuguese and other Europeans transported their weapons to Asia, their battle methods and their defensive constructions. Next, one must ascertain the efficacy of this exportation, and the inevitable adaptations it gave rise to, depending on the geographical, political and cultural contexts of each specific region. Thirdly, the answers provided by the Asians themselves can be discussed: in many regions of Asia methods and techniques coming from Europe were quickly



adopted and assimilated. But also, in specific circumstances and times, there was to a greater or lesser extent an adoption of Asian battle tactics by the Europeans, and especially the Portuguese. It is a vast field of research that, as can be seen the *Macao Review of Culture (RC)* took on, inviting a wide set of specialists to—within the scope of the research carried out—explore topics related to the different impacts caused by the introduction and dissemination of the European art of war in Asia.

The first part of this dossier is presented in this issue of the *RC*, which begins with an essay of a general nature written by two highly reputed specialists, Sanjay Subrahmanyam and Geoffrey Parker, who revisited the history of the repercussions in Asia of the European military revolution. Vitor Rodrigues, who has studied these themes in depth, subsequently tackles from a very specific perspective the issue of Portuguese naval artillery and their respective use in combat in the Eastern seas, at the dawn of the 16th century. Tonio Andrade, in turn, has dwelt on the early days of the European presence in Taiwan, and his studies in the third text of this military dossier cover an episode of the war between the Dutch and Chinese in Taiwan in the early decades of the 17th century. The fourth text is written Matthew Keith, and reanalyses the well-known Shimabara rebellion, which occurred shortly before the definitive expulsion of the Portuguese from Japan, placing special emphasis on the role of firearms used in this conflict. Finally, the last text penned by André Murteira analyses one of the episodes of the violent naval war waged by the Portuguese and Dutch at the turn of the 16th to 17th centuries. The dossier will be further developed with another set of texts in the next issue of *RC*. **RC**



“Camelo”.
Portuguese bronze cannon used for firing stone cannonballs (16th century).

WEAPONS, FORTS AND MILITARY STRATEGIES IN EAST ASIA – I



Detail from the "D. João de Castro Tapestries" depicting Portuguese soldiers and weapons. Courtesy of Kunsthistorisches Museum, Vienna.